

da trade *Organic Life*, de Niterói (RJ) e uma das empresas incubadas pela Sociedade Nacional de Agricultura-SNA. Somente no primeiro dia da feira, teve 18 reuniões. A expectativa é de, pelo menos, cinco novos negócios envolvendo a exportação de frutas frescas, arroz e mel orgânicos. Ficou acertado um carregamento de 12 toneladas de mel a granel para teste de mercado nos Estados Unidos. O potencial comprador deseja revender a metade e usar a outra na produção de barras de cereais.

Mas nem todos os contatos da BioFach foram para exportação. Nurembergue também serviu de ponto de encontro de conterrâneos. Tanto a *Organic Life* quanto a *Ecocitrus*, de Montenegro (RS), foram abordadas por lojistas brasileiros. Produtora de 5,5 milhões de tangerinas e laranjas orgânicas por ano, a *Ecocitrus* acertou o fornecimento de sucos para uma rede de lojas de alimentos naturais com sede no Rio de Janeiro. De quebra, seus produtos serão exportados pela primeira vez, pois a rede de lojas possui filiais em Portugal e na Inglaterra.

Bonafrux, *Organic Life* e *Ecocitrus* integraram a delegação de 87 expositores brasileiros na BioFach 2005. O Brasil é o país-tema da feira este ano, tendo duplicado sua participação, organizada pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil (Apex), a Câmara Brasil-Alemanha de Comércio e Indústria (AHK Brasil) e os ministérios da Agricultura (Mapa), Desenvolvimento Agrário (MDA) e Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). □

Nem só de alimentos vivem os orgânicos

FALOU EM ORGÂNICO, pensou em alimento. Esta costuma ser a lógica. Mas o setor orgânico vai além, como mostrou o pavilhão brasileiro na BioFach, realizada em Nurembergue, na Alemanha. Entre os cerca de 100 expositores levados à Alemanha pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil (Apex) e pela Câmara Brasil-Alemanha de Comércio e Indústria (AHK Brasil), houve estandes com roupas e bonecas de algodão orgânico, produtos cosméticos e de limpeza, assim como de um centro de pesquisa biotecnológica.

As roupas no estande da *Alimenta Vitae* chamaram a atenção de quem passava pelo estande brasileiro. Estavam expostas camisetas, blusas, calças, meias, colchas, capas para almofadas e bonecas. Produzidas em Campina Grande (PB), têm como matéria-prima algodão orgânico. O trabalho envolve 600 famílias. Os homens atuam na agricultura e as mulheres, na tecelagem.

“As roupas atraem os curiosos e, a partir da conversa, o interesse cresce quando eles ficam sabendo do caráter social do empreendimento”, afirma o broker João Carlos de Godoy Moreira, da *Alimenta Vitae*.

Já a empresa *Cassiopéia* apresentou na BioFach sua linha orgânica de produtos cosméticos, de limpeza e saúde, quase todos à base de aloe vera. Por exemplo, o *Bio Wash*, um limpador multi-uso 100% natural para carro, louça, roupas e casa. A linha inclui ainda shampoo e loções capilares, suco de aloe vera e

um complemento alimentar.

O Centro Biotecnológico da Amazônia (CBA), por sua vez, participou da feira em busca de contatos com outras instituições de pesquisa e futuros clientes. Em fase inicial de operação, o CBA tem por meta “transformar em negócio aquilo que a pesquisa já comprovou ter potencial econômico”, segundo Emmanuel Aguiar, coordenador geral de planejamento da Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus), a quem o centro está subordinado.

As primeiras pesquisas vão se concentrar no desenvolvimento de bioinseticidas para a agricultura orgânica. De acordo com José Augusto da Silva Cabral, coordenador do laboratório de fitoquímica do CBA, existem cinco espécies vegetais autorizadas pela FAO (Organização Mundial para Agricultura e Alimentação) para serem usadas em bioinseticidas para agricultura orgânica. Destas, três são nativas da Amazônia e já são base de produtos fabricados na Inglaterra e nos Estados Unidos.

“O Brasil não pode ficar parado. Temos condições de também desenvolver tecnologia para viabilizar estas matérias-primas em inseticidas naturais”, diz Cabral, que prevê dois a três anos para se chegar a formas de uso destes bioinseticidas. Entre as opções, estão spray, pó e loção. Segundo ele, já existem indústrias nacionais e multinacionais interessadas em se instalar na Amazônia para viabilizar a produção com tecnologia nacional. □

